



Déficits em Habilidades Sociais: Como ajudar no dia-a-dia

Um manual prático para pais e profissionais

por Kilda Drummond e Vanessa Vicente

O ano de 2022 não foi um ano fácil para Kilda. Danilo passou por mudanças emocionais e demandas sociais aumentaram sobremaneira.

Nós mantemos uma relação de amizade há quase 8 anos, unidas por um ideal de fazer crianças e suas necessidades serem reconhecidas, nossos hiperfocos e determinação. Eu, enquanto mãe e fonoaudióloga, vi e vejo essa mulher incrível lutar como um leão para que Dan possa alcançar suas potencialidades.

Hoje, lacunas dos déficits da linguagem dentre outros componentes, se traduzem em dificuldades nas habilidades sociais. Kilda sonhou com esse livreto para ajudar a famílias que passam enxergam potencial em seus filhos, mas veem que precisam de algo para se relacionarem de maneira mais funcional e efetiva.

Construímos e costuramos a duas mãos, mas todas as mães e profissionais que de alguma maneira irão se beneficiar dessa publicação devem ser gratas pela determinação dessa minha amiga.

Conhecê-la certamente transformou minha vida pessoal e profissional.

Hoje sou uma pessoa e fonoaudióloga melhor por ter o Mundo TDL (aí incluo Vanusa, Francine, Cinthia e Lilian) e a Kilda.

por Vanessa Vicente

Sumário:

I-Introdução.....	5
III- Começando pelo começo.....	8
III- Como eu posso ajudar?.....	14
IV - Colocando a mão na massa.....	17
a) Primeira dica – Quem é quem.....	19
b) Segunda dica - Repertório.....	20
c) Terceira dica - Faz de conta.....	21
d) Quarta dica - Encontros.....	22
e) Quinta dica - Memória Episódica.....	24
f) Sexta dica - Consciência situacional.....	27
g) Sétima dica - Controle inibitório.....	29
h) Oitava dica - Empatia.....	30
i) Nona dica - Pontos de vista.....	31
j) Décima dica - Flexibilidade.....	32
k) Décima primeira dica - Colaboração.....	33
l) Décima segunda dica - Atividades.....	36
m) Décima terceira dica - Como lidar com crises.....	37
V- Observações finais.....	39
VI - Referências.....	40

Todo o conteúdo desta publicação está protegido por direitos autorais de propriedade de Kilda Drummond e Vanessa Vicente.

Está autorizado o compartilhamento, porém solicitamos referenciar o material ao mencionar em publicações, textos, apresentações, artigos, etc



I- Introdução

Você já parou para pensar que temos o instinto de cumprimentar, interagir, criar laços e até mesmo dar continuidade a uma conversa em uma fila mesmo sem conhecer quem está ao nosso redor?

Isso acontece porque socializar faz parte da nossa natureza humana. Comunicar e entender o que o outro quer, está sentindo, está pensando, ocorre não por necessidade de obter algo, mas pelo simples prazer de trocar informações com outra pessoa. Esse interesse inato nós chamamos de intenção comunicativa.

Quando falamos em habilidades sociais plenamente desenvolvidas, estamos falando na capacidade de ser competente no mundo em diversas situações, para lidar com os seus próprios sentimentos e interesses, também com os sentimentos e interesses dos outros e seguir as regras sociais de acordo com o senso comum. Tais habilidades contribuem para tornar as relações pessoais completas, assertivas e satisfatórias.

O aprendizado é longo, complexo e ininterrupto; se inicia desde o nascimento e vai ganhando contornos definidos à medida que a criança evolui. Portanto não se amedronte se a criança está seguindo em um ritmo diferente. Ela sempre está se desenvolvendo.

A brincadeira é uma grande aliada na conquista da habilidade e cognição social. Brincar é a essência da infância. A criança se descobre, cria e recria situações, modifica os acontecimentos experimenta diversas possibilidades, exercita sua criatividade, faz reflexões, aumenta sua leitura de mundo, alivia suas angústias e constrói sua autonomia.

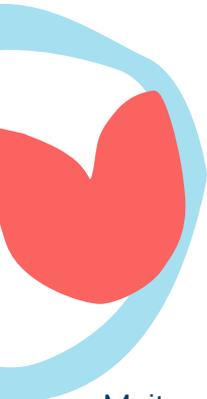
Ao brincar junto com seus pares ela desenvolve empatia, aprende a colaborar, esperar sua vez, desenvolve maior flexibilidade e tolerância à frustração.

O brincar simbólico é primordial no processo de construção de habilidades sociais.

A partir da segunda infância as relações entre as crianças e seus pares ficam mais complexas. De repente não é mais tão simples chegar na pracinha e começar a brincar espontaneamente com algum amiguinho.

Quanto maior a criança, mais a interação passa a depender de habilidades sociais e pragmáticas, e aí surge um dilema já que tais habilidades ganham robustez com o exercício da convivência. Nesse panorama, crianças que têm dificuldades sociais tendem a se isolar e/ou serem isoladas do grupo.

É correto supor que o desenvolvimento social e conversacional acontece de maneira heterogênea entre as crianças e que leva um tempo até elas conseguirem administrar seus interesses, inferir o comportamento e interesses dos colegas, resolver pequenos conflitos e estabelecer limites com autonomia.



Muitas variáveis individuais interferem diretamente em todo esse processo, tais como personalidade, estrutura familiar, dinâmica familiar, existência de irmãos, oportunidade de estar com pares. No caso de nossas crianças, a existência de um transtorno linguístico é um obstáculo ainda maior.

Pretendemos conversar nesta cartilha, sobre o desenvolvimento das habilidades sociais no contexto específico das crianças com dificuldades de linguagem, incluindo as que têm TDL e como a família pode auxiliar esse processo.





II - Começando pelo começo

Para a criança estar apta a conseguir conversar, brincar, participar de atividades coletivas e conseqüentemente se desenvolver dentro do seu ambiente social, o que precisa ter sido trabalhado previamente? Apenas intenção comunicativa preservada basta?

Para respondermos essas questões, vamos mostrar alguns conceitos importantes e como eles se encaixam em seqüência :

O estágio sensório-motor é aquele que corresponde a fase na qual a criança pequena consegue perceber o ambiente através dos sentidos. Ela é capaz de sentir as texturas, as temperaturas, as luzes e sons, cheiros, sensações de dor ou fome e reagir de maneira ideal para ser atendida, se adaptar e conseqüentemente se organizar para explorar o ambiente ao seu redor. As crianças que apresentam dispraxia e/ou transtorno do processamento sensorial poderão apresentar dificuldades justamente para realizar essas etapas, e seu desenvolvimento fica comprometido.



Paralelamente o bebê usa o choro e as expressões faciais para se comunicar e gradativamente amplia seu repertório comunicativo ainda num estágio pré-linguístico. Nesse momento ele começa a identificar uma espécie de ritmo e modelo de conversação a partir do modelo adulto, apresentando protoconversas.

A partir das explorações e da interpretação dos sentidos, e da reciprocidade social ela vai descobrindo como o mundo funciona, como ela pode interagir com as pessoas e objetos, e começa a arquivar e relacionar suas conclusões. Começa a extrair do ambiente informações necessárias para construir sua gramática adquirir de fato a sua língua materna que será seu canal de comunicação com a sociedade onde está inserida.

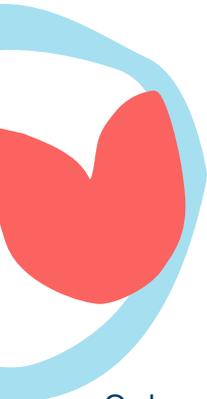




A linguagem é a espinha dorsal do neurodesenvolvimento, que por sua vez conduz todo desenvolvimento do ser.

É através da conquista da habilidade de se comunicar oralmente que a criança ganhará autonomia. As informações e conceitos são identificadas e catalogadas no cérebro, para poderem ser acessadas e combinadas quando for necessário produzir e compreender enunciados linguísticos. Assim a criança relaciona nomes com objetos, ações com reações, sentimentos com pessoas e vozes, e novas conexões são criadas rapidamente.

Com essas bases estabelecidas, precisamos falar da importância das FE - funções executivas, que são mecanismos de auto regulação, autocontrole e autoanálise, fundamentais para que todas as informações trazidas pelos sentidos, sejam organizadas em seu devido lugar, que a criança seja capaz de iniciar, finalizar, inibir, interromper e modificar ações, levando em conta todas essas informações disponíveis e as expectativas daquela determinada circunstância.



O desenvolvimento das FE torna a criança capaz, a partir do momento que recebe diversas informações simultaneamente, de perceber qual é a mais relevante, direcionar seu foco, ter flexibilidade cognitiva, controlar seus impulsos e tomar decisões assertivas. As FE não são inatas, precisam ser adquiridas, sendo base fundamental para cognição social.

Crianças com disfunções executivas tendem a sentir as emoções com maior intensidade do que as crianças neurotípicas. São propensas a reagir de maneira desproporcional a pequenas frustrações. Geralmente eles precisam de mais atenção dos pais



Tolerar o tédio é extremamente difícil, o que pode os levar a comportamentos desafiadores.

Sinais de dificuldade com regulação emocional também incluem chorar com facilidade, demorar para se acalmar, não conseguir suportar solidão ou tédio mesmo por curtos períodos e entrar em crise por não conseguir fazer transição entre uma atividade preferida para outra que ela não gosta. Por se tratar de um tema muito extenso e importante, sugerimos a leitura do nosso material sobre as Funções Executivas, disponível no Instagram do MUNDO TDL.

Precisamos incluir também como pré requisito para sucesso nas relações sociais a Teoria da mente – ToM (Theory of Mind). A Teoria da mente é a habilidade de atribuir e representar em si próprio e nos outros estados mentais independentes (crenças, intenções, desejos, conhecimentos, etc.). Essa habilidade é importante para criança compreender as ações e intenções das outras pessoas e criar hipóteses de como será interpretada antes de agir ou falar algo.

Finalmente, sabemos que para ter domínio das habilidades sociais, é preciso antes ter competência e maturidade emocional (habilidade de reconhecer e lidar com as próprias emoções) e competência sócio emocional (capacidade de reconhecer e lidar com as emoções dos outros).

Terminando nossa breve explicação sobre o cenário ideal para o desenvolvimento das habilidades sociais, já deve ter ficado claro como são muitas etapas e ferramentas necessárias para que as coisas caminhem sem dificuldade. Raízes das atuais dificuldades podem ser explicadas por etapas incompletas muito anteriores, que deveriam ter sido consolidadas no início da primeira infância.

Ou seja, uma ou várias etapas deixaram de ser cumpridas e existem lacunas.

Respondendo a pergunta inicial, intenção comunicativa preservada não é suficiente para permitir que a criança seja capaz de fazer e manter amizades, participe de grupos de colegas e de brincadeiras sem mediação e de forma funcional.





III- Como eu posso ajudar?

Crianças maiores com TDL provavelmente já estão com a FALA (emissão e articulação) sem alterações, as interações sociais simples já são corriqueiras e as estruturas frasais correspondem a uma estrutura frasal básica, o que pode inclusive mascarar dificuldades importantes no âmbito linguístico.

Os problemas se tornam visíveis quando as regras sociais se tornam mais sofisticadas, cheias de sutilezas que passam despercebidas. Diante dessa situação, o que podemos fazer?

A criança pode e deve ser estimulada por profissionais de acordo com suas demandas, independentemente da idade, pois nunca é tarde para que habilidades importantes sejam adquiridas ou aprimoradas. Nesse caso, é primordial que uma avaliação de linguagem levante as dificuldades no cotidiano, funcional e social da língua. Essa serão as respostas de onde atuar no processo de intervenção.



Porém não podemos esperar que apenas terapia dentro de consultório faça diferença, pois os desafios surgem em ambientes sociais, de maneiras inesperadas e sem aviso prévio. Os adultos que convivem com a criança precisam estar conscientes, alinhados e prontos para fazer mediação. Mais um motivo da importância de todos conhecerem mais sobre TDL.

As crianças maiores já estão envolvidas em situações sociais e não é possível o cenário ideal onde as etapas do desenvolvimento se concluem na ordem certa e cada peça se encaixe. Prontas ou não, as interações estão acontecendo e não podemos “pausar” o tempo durante o período necessário para nos preparar para isso. Ainda mais que essas crianças têm o sistema intencional preservado, com vontade de se relacionar com seus pares.

O nosso objetivo deve ser facilitar a inserção da criança em grupos da mesma faixa etária ou compatíveis e fortalecer seus vínculos.



Então a melhor resposta é ajudar a criança para que ela possa desenvolver consciência situacional, ter um plano de ação, conhecer seus limites e antecipar o que será esperado dela, para poder participar das atividades que desejar de maneira satisfatória.

Nesse sentido, o primeiro passo é reunir informações entre os familiares, professores e terapeutas. Precisamos enxergar as circunstâncias atuais da criança: pontos fortes, em que áreas ela se destaca, o que ela gosta, o que a deixa feliz, segura, e as questões que travam a socialização em diversos contextos.

Em seguida devemos definir o que é prioridade, o que precisa ser trabalhado em terapia individual e onde nós familiares, podemos intervir e ajudar. Nossas dicas precisam ser adaptadas para o perfil e as necessidades de cada criança.





IV- Colocando a mão na massa

Como já foi dito, o processo de construção de ferramentas para habilidades sociais é permanente e seu aprendizado dura a vida toda. Nossa intenção foi incluir diversas opções para que cada família decida qual delas é adequada para o momento atual, qual é prioridade ou qual poderão trabalhar no futuro. Não existe uma idade padrão para cada dica poder ser aplicada. Sugerimos que sejam escolhidas primeiro aquelas que deixam a criança mais confortável e que ela tenha maior facilidade. Podem ser testadas uma de cada vez, ou simultaneamente, de acordo com o que for mais cômodo. O importante é não causar frustração aos pais nem à criança. O ritmo de cada um deve ser respeitado.

Para facilitar a linguagem e o aprendizado vamos usar situações reais e rotineiras que podem ser exploradas de forma relativamente simples pelas famílias de crianças com TDL.

É importante alertar que toda proposta que vai ser implementada só deverá ser aplicada onde e quando a criança estiver confortável e motivada. Em situações de insegurança, pouca motivação ou dificuldade devemos apenas procurar meios de facilitar sua participação e reduzir o stress.

Precisamos levar em consideração a imprevisibilidade e inconstância do humor ou das atitudes da criança mesmo em situações rotineiras. Hoje sua criança pode amar ir na pracinha e se comportar bem, na semana seguinte, não. Hoje ela parece ter entendido uma dica e manteve total autocontrole, e em seguida joga tudo pra cima e entra em crise.

Nossas dicas foram separadas para facilitar a compreensão, porém na prática são complementares entre si e acabam funcionando como um conjunto.



A) Primeira dica - Quem é quem



Nós convivemos diariamente com diversos tipos de pessoas: Familiares, prestadores de serviços, professores, estranhos que encontramos na fila do supermercado, colegas, e por aí vai. Cada situação pede um tipo de interação diferente.

Aqui nosso foco são relações sociais entre pares. Crianças com TDL podem não perceber a diferença entre um simples conhecido e um amigo. Inclusive costumam pensar ter mais amigos do que realmente tem, a imaturidade emocional as fazem acreditar que frequentar o mesmo ambiente ou cumprimentar já é um indicativo de amizade.

Por isso é importante explicar o que é um estranho que você conversa online durante um jogo ou na fila do cinema ,um conhecido que encontra sempre na recepção de um consultório ou um vizinho, um colega de classe que cumprimenta e as vezes têm conversas curtas, interage mas não encontra fora da escola para brincar, e um amigo que você conversa na escola, fora dela e combina encontros.

Essa distinção é necessária e precisa ser explicada com clareza. Você pode usar nomes ou até fotografias para exemplificar.

B) Segunda dica - Repertório



Crianças com TDL podem ser repetitivas nas suas conversas, para elas é confortável conversar sobre as mesmas coisas, já que parecem ter uma espécie de script e já memorizaram os tópicos das conversas.

Uma proposta para que consigam conversar sobre outras coisas é o Quadro de conversas.

Escolha com a criança de três a cinco assuntos que ela goste e escreva em um quadro. Quando ela iniciar um tópico mostre que já falaram nisso e não poderão repetir. Quando quiser iniciar o mesmo assunto, mostre o quadro e peça para escolher outro.

Dessa forma ela entenderá que precisa conversar sobre assuntos mais variados.

Os pais também podem dialogar com seu filho sobre os assuntos mais comentados na escola, assuntos atuais, um filme que está fazendo sucesso, etc. Nesse caso, podem ajudar a compreender melhor do que se trata, fazer pesquisas, assistir vídeos e até ensaiar conversas rápidas sobre os temas.



C) Terceira dica - Faz de conta



Brinque de faz de conta com bonecos e bonecas e simule conversas entre eles. Deixe a criança conduzir a brincadeira e siga sua liderança, porém vá dando “modelos” de como conversar, interferindo de modo que a criança não seja corrigida, mas consiga perceber como se portar em momentos de diálogo.

Atribua sentimentos e sensações para os brinquedos e estimule a criança a fazer o mesmo. Fantoches também podem funcionar, até mesmo de histórias clássicas como Chapeuzinho Vermelho e Três Porquinhos.





D) Quarta dica - Encontros



Promova encontros entre seu filhos e outras crianças para brincadeiras. Inicialmente o ideal é chamar apenas uma ou duas crianças e ter propostas já planejadas antecipadamente de entretenimento, assim as crianças se organizam melhor e a mediação é mais fácil. Pode ser uma tarde de jogos no vídeo game, quebra -cabeças, filmes, dia de spa, boliche ou alguma outra atividade que seu filho goste e seja bom. Para crianças menores piquenique com pinturas, festival de picolés, cama elástica, carrinhos ou chá das bonecas, massinha, guerra de balões de água. Brincadeiras sensoriais geralmente fazer sucesso. Você pode brincar apenas com seu filho como um ensaio, dando bastante risada e criando memórias felizes. Desta forma ele vai estar à vontade quando for repetir a brincadeira com os amiguinhos.

A medida que o grupo de crianças se entrosar, você pode ampliar e as atividades podem ser externas. Clubes, praças, shopping, cinema... O importante é que estas oportunidades aconteçam e sejam acompanhadas por adultos capazes de intervir. Muitas situações inesperadas acontecem nos momentos de interação espontânea e devem ser aproveitadas como aprendizado, por todas as crianças.



As intervenções devem ser discretas e nunca direcionadas apenas para inibir a criança com TDL. As crianças vão observar como você trata o seu filho e vão tratá-lo igual.

Se você precisar dar alguma dica durante as brincadeiras, chame seu filho dizendo que precisa da ajuda dele e converse rapidamente e à sós.



E) Quinta dica - Memória Episódica



As crianças com disfunções executivas e TDL podem ter baixa compreensão situacional e também não perceber os padrões normais, seja no ambiente ou no comportamento das pessoas. Frequentemente focam em detalhes invés de captar o todo. Conseqüentemente parecem não saber como agir, apresentam atitudes desconexas, incompatíveis com o lugar onde estão ou relutam para tentar novas experiências.

Essas dificuldades normalmente estão relacionadas com a habilidade de combinar o que ela está vivenciando com memórias relevantes de situações parecidas, o que chamamos de memória episódica.





Um exemplo do que é memória episódica e sua importância é quando vamos pegar um ônibus em uma cidade diferente. Especialmente se for em uma cidade maior, um ônibus maior ou se for em outro país. Vivenciar uma situação pela primeira vez costuma gerar uma certa ansiedade e para nos orientar nestes momentos, nosso cérebro busca por similaridades experimentadas no passado: os ônibus são todos basicamente parecidos, você entra pela porta da frente, paga e atravessa a roleta, as pessoas sentam nos dois lados, descem por trás.. Quanto mais memórias você ativar, mais seguro vai se sentir pois conseguirá definir os seus próximos passos. Muitos jovens fazem vestibular como treineiros antes de concluir o ensino médio justamente para adquirir memória episódica da prova, desvinculada do stress de precisar atingir a nota de corte.

A linguagem pode ser usada como ferramenta para enfatizar similaridades e ajudar a criança a perceber ou reconhecer o ambiente e a dinâmica. Exemplo: crianças discutindo ou disputando quem vai jogar primeiro, quem vai tomar banho primeiro etc



Você pode dizer: “eu me lembro que da última vez foi fulano que começou. E como queremos ser justos, que tal Beltrano começar desta vez?”

Além de trazer memória episódica, você lança sementes para a resolução desse tipo de conflito no futuro.

Um problema relacionado ao deficit nessa memória é a criança não se lembrar adequadamente de situações que ela experimentou, especialmente as mais tranquilas. O cérebro tende a fixar apenas memórias associadas a emoções fortes, ou experiências negativas. Por isso que eles podem se referir a algum programa ou um lugar que já visitaram como sendo chatos, embora tenham se divertido na época.

Outro exemplo: crianças vão fazer um passeio e você tem medo que elas se desorganizem ou não saibam se comportar: Mostre fotos ou vídeos de passeios semelhantes recontando os fatos de forma engraçada, divertida, dando informações erradas para ver se a criança te corrige. E mencione o comportamento das pessoas nesse tipo de passeio. Se o passeio acontecerá pela primeira vez, você pode usar vídeos e imagens da internet. Ajude seu filho a criar memórias sociais agradáveis tirando fotos e fazendo vídeos para assistirem juntos depois.



F) Sexta dica - Consciência situacional



Analisar situações é algo que acontece automaticamente e muito rapidamente em nosso cérebro, e nos guiamos de acordo com nossas conclusões internas.

Sugerimos que você compartilhe seu diálogo interno em voz alta com seu filho. Mostre como isso serve para modelar suas expectativas e suas ações. Isso ajudará seu filho a entender como você pensa sobre o que está acontecendo considerando outros pontos de vista antes de agir. A medida que você perceber que seu filho se interessou por essa ideia, convide-o a fazer deduções também. Ensine-o a apenas observar e pensar alto sobre o que está vendo.

Seu filho precisa aprender a fazer uma pausa e considerar como eles (e outros) se comportam em situações sociais e se colocar no lugar do próximo. Isso vai ajudá-lo a desenvolver seu próprio diálogo interno

Para iniciar a leitura podemos usar um ambiente simples como o caminho (a pé ou de carro) até a escola ou até uma sorveteria. Quando você estiver com seu filho ajude-o a “ler o cenário”:

Exemplos:

É segunda feira. Muitas pessoas estão indo trabalhar, então tem muitos carros na rua. Devemos prestar bastante atenção no trânsito. Alguns motoristas saem atrasados e correm muito nas ruas. Olhe aquela criança de uniforme, onde será que ela está indo? Algumas pessoas pararam para conversar na calçada. Será que isso vai atrapalhar quem estiver indo pelo mesmo caminho? Vamos ver como as pessoas estão reagindo? Olhe a cara daquele senhor? Será que ele está aborrecido? E aquela moça? Como você acha que ela está se sentindo?

“Foi legal aquela menina pegar a chave que o moço deixou cair. Ele provavelmente está se sentindo grato.”

Claro que não é para você falar tudo de uma vez. Observe qual gancho de assunto que interessou mais sua criança e enriqueça as análises daquele ponto. A idéia básica é ela prestar atenção nas pessoas e tentar adivinhar seus pensamentos e seus próximos passos.

Não desista se esse momento não for promissor. Não force ou use um tom formal ou de quem está dando uma aula. Você pode tentar novamente numa praça de alimentação, durante as compras no supermercado por exemplo.

Esse processo ajuda seu filho a fazer inferências e entender semanticamente o significado dessas conclusões.

G) Sétima dica - Controle inibitório



Enquanto a criança desenvolve seu diálogo interno e começa a ler o ambiente, podemos automaticamente conciliar esse aprendizado com estimulação de controle inibitório. Por exemplo:

Quando for pegar uma fila no supermercado, peça para a criança escolher qual fila vocês devem ficar. Você pode dar dicas como: “aquela fila me parece menor que as outras”

Antes dela correr quando chegar na pracinha, peça para ela olhar bem e decidir perto de qual criança ou de qual brinquedo ela prefere brincar.

Avise-a quando ela estiver monopolizando a conversa: “Estou um pouco entediado agora porque você está falando comigo sobre esse assunto há muito tempo. Eu gostaria que pudéssemos conversar sobre algo diferente agora.”

Essas pausas ou interrupções serão mais difíceis para crianças impulsivas. Elas muitas vezes precisarão do suporte de ambientes estruturados para iniciar esses treinos. Será mais fácil para elas analisarem o ambiente enquanto esperam sua vez na aula de natação do que antes de irem nadar no clube, onde não precisam aguardar seu horário ou a permissão do professor antes de caírem na água.

H) Oitava dica - Empatia



Quando queremos nos conectar a alguém ou a um ambiente nós buscamos assuntos ou interesses que sejam comuns para facilitar a conversa, deixar a pessoa à vontade e quebrar o gelo. Esse tipo de reciprocidade favorece a criação de vínculos e torna a convivência mais fluida.

Nossas crianças com TDL frequentemente não percebem quando estão sendo rudes ou estão monopolizando a conversa.

Ensine a importância de demonstrar interesse pelos outros, mesmo que seja só fazendo de conta. Elas precisam saber como fazer perguntas para os colegas sobre o que eles gostam ou tolerar as brincadeiras propostas por eles, ajuda a construir e manter as amizades.

Você ensinar através de livros ou filmes com protagonista de idade próxima a do seu filho, compartilhando seu diálogo interno em voz alta toda vez que for gentil com alguém, demonstrando como fica feliz quando seu filho faz algo para ser bondoso espontaneamente e explicando o que ele fez que te agradou.



1) Nona dica - Pontos de vista



Falamos aqui sobre a importância de ensinar a criança a respeitar o ponto de vista das outras pessoas e entender que opiniões e perspectivas não são certas ou erradas. São apenas diferentes.

O modo de ensinar sobre isso é sendo modelo. Demonstre que não é preciso ficar defensivo ou com raiva ou triste se uma pessoa não gosta do mesmo sorvete que você, não torce para o mesmo time ou quer brincar de outra coisa. Nossas reações diante de opiniões diferentes precisa ser de tranquilidade e respeito.

Podem ser propostas várias dinâmicas para trabalhar essa aceitação de maneira lúdica. No início a criança pode levar para o lado pessoal quando alguém não compartilha das mesmas opiniões. É fundamental que ela possa expressar e que você aceite a maneira dela pensar. Se você impuser sua forma de pensar (mesmo que julgue sua opinião ser a "correta") você está dando modelo de não aceitar ideia diferente da sua.



J) Decima dica - Flexibilidade



Preparar o cérebro para lidar com imprevistos exige flexibilidade cognitiva. Isso pode ser estimulado de maneira gradativa, evitando a priori bater de frente com a criança em momentos reais.”.

Você pode compartilhar em voz alta diversas situações onde precisou improvisar e mudar a ideia inicial.

Exemplo: você ia fazer bolo mas notou que não tem farinha então mudou de plano e fez pão de queijo.

Esse tipo de situação é corriqueira e nos adaptamos mentalmente sem expressar em voz alta

Vocês iam pintar um sol mas não tem tinta amarela. Vocês podem pintar montanhas. Podem fazer um sol cor de rosa. Podem usar papel picado para fazer o sol. Outra dica nesse sentido, é escolher opções para presentes em ocasiões especiais, orientando que pode não ser possível comprar a primeira opção, sendo necessários escolher mais opções para quem irá comprar.



K) Decima primeira dica - Colaboração



Ressaltamos aqui e extrema necessidade que a criança participe de alguma forma da rotina da casa, contribuindo com alguma tarefa que não seja simplesmente limpar seu quarto ou organizar suas coisas. Ela tem que ser útil para os familiares, ter importância e ter reconhecimento. Esses processos são complementares e aos poucos tiram a criança do papel de espectador e do estado de inércia mental e egocentrismo, onde ela apenas espera que suas vontades sejam atendidas sem precisar pensar no processo e sem perceber como o trabalho de cada um contribui para o progresso coletivo.

A criança também aprenderá a gerenciar suas obrigações, controlar suas emoções, ter flexibilidade e, conseqüentemente, desenvolver relações sociais com as pessoas próximas.

A escolha da atividade em si deve ser feita levando em conta a idade e habilidade física da criança. Os pais mostram como faz, depois fazem junto com a criança, depois observam e só num último estágio a criança faz sem supervisão. Mesmo assim podem ficar disponíveis algumas imagens para criança poder ver o passo a passo do que precisa fazer.

A criança com TDL precisa receber elogios frequentes desde que façam sentido, de preferência que estejam relacionados a algum esforço consciente. Elogios concretos, reconhecimentos, recompensas (não materiais) e conexão são pontos chaves do sucesso na relação com nossos filhos. Representam a maneira mais certa de conseguir sua colaboração e fazê-los se sentir motivados a persistir mesmo diante de um fracasso momentâneo. Reconheça os esforços que seu filho fizer para agradar outras pessoas. Ajude-o a entender como essas atitudes são importantes para a boa convivência.

Punições devem ser evitadas. Ao invés de punir por punir, a criança deve enfrentar as consequências diretas dos seus comportamentos e dentro do que ela é capaz de compreender, antecipar e reparar ou ainda, deve ser orientada a ler a situação que passou e o porquê da consequência. A frequência deve ser limitada, caso contrário servirá apenas para minar a autoconfiança e o espírito colaborativo do seu filho.

Sobretudo demonstre seu amor incondicional em todas as situações, independente de qualquer resultado final.

Esse tipo de participação será o maior fator que eleva a autoestima da criança e fortalece seus vínculos familiares. Pois ela percebe que é capaz, é útil para todos e que ter um propósito é gratificante, mesmo que a princípio ela seja resistente ou reclame.

A tarefa não precisa ser longa nem difícil. Pode ser fazer lista de compras (anotar itens que estão acabando da despensa), colocar ração e água pra o animal da família, colocar o lixo para fora, colocar/tirar mesa das refeições, ajeitar almofadas da sala, molhar as plantas, colocar roupas na máquina para lavar, passear com o cachorro, separar itens recicláveis do lixo comum ou até empurrar o carrinho quando forem ao supermercado.

Vocês podem conversar usando a palavra “escolha”, que facilita a colaboração, pois a criança se vê em situação de poder e, automaticamente, coloca a consequência como algo natural.

Algumas crianças se dizem incapazes de fazer tais atividades e pedem ajuda.

Os pais costumam sentir pena quando os filhos aparentam estar tristes por não conseguirem fazer algo e frequentemente acabam realizando as tarefas por eles. Essa atitude prejudica o desenvolvimento de habilidades importantes como resiliência, flexibilidade, persistência e consequentemente autoestima positiva.

Comentários autodepreciativos, provocações, ameaças, comportamentopositor e comportamento negativo para buscar atenção não devem ser alimentados.. Há grande risco que se perpetuem e fujam do controle.

L) Decima segunda dica - Atividades



Aposte em atividades extra curriculares. Pode ser esportes, línguas, música, dança, pintura, teatro, lutas, etc. desde que a criança goste e tenha oportunidade de passar tempo com outras crianças que compartilhem das mesmas preferências. Cursos de teatro costumam ser de grande ajuda. Vale a pena procurar um em sua cidade!

Essas atividades são importantíssimas para a formação da percepção enquanto indivíduo e relação com o mundo.

Muitas vezes a crianças neuroatípicas tende a ter uma vida reclusa em ambiente terapêutico. Considere equilibrar o tempo entre terapias e atividades extracurriculares.



M) Décima terceira dica - Como lidar com crises



Não avalie a competência social ou linguística do seu filho pela forma como ele interage com a família. A família tem uma dinâmica própria e funciona quase como uma bolha interativa, um mundo próprio. Fora desse ambiente a criança pode enfrentar desafios que nós nem imaginamos. Além disso em casa ela pode se sentir mais livre e soltar toda a tensão que acumulou ao longo do dia.

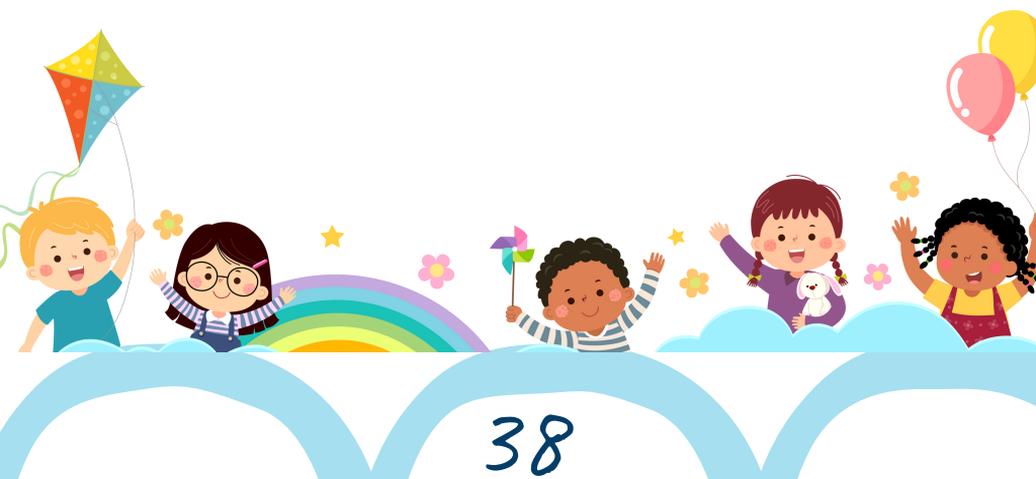
É natural que eles demonstrem resistência para se envolver em autorreflexão, admitir que se excederem em alguma situação ou confessar que não tem amigos próximos. Isso porque as dificuldades sociais podem não ser percebidas ou podem ser motivo de vergonha. Então evite fazer perguntas demais e aposte em compartilhar momentos produtivos. As crianças ficarão mais à vontade para se abrir quando se sentirem menos pressionadas e mais conectadas. Evitar todas crises ou a ansiedade não vai ser possível. Esses episódios vão acontecer, embora a frequência possa diminuir. Eles precisam entender que a crise ou a ansiedade virão e eles vão superar sem danos permanentes, sem medo de serem menos amados ou de serem punidos. Isso é importante, pois não é culpa deles.



Essa segurança é necessária para o bem estar das crianças.

Durante as crises não devemos reagir emocionalmente, apenas ajudamos a criança a se regular, servindo de modelo. A criança vai usar nosso equilíbrio para conseguir recuperar o dela.

Quando a criança sair de uma crise se regulando com ajuda, elogiem muito, pois é um processo difícil. O elogio demonstra que você viu o esforço dela e aprecia que, apesar dela ter entrado em crise, foi capaz de sair. Auxilie a entender como esse esforços são importantes para a boa convivência.



V - Considerações Finais

É muito importante conscientizar todos sobre o TDL. Nossa família, famílias dos colegas, equipe escolar, e quem mais pudermos alcançar. Esperamos que esse seja mais um material que irá auxiliar famílias e profissionais a compreenderem as características individuais de pessoas TDL.

Crianças com TDL são neurodiversas. Elas crescem fazendo terapias, treinos e aprendendo as regras para navegar no mundo dos neurotípicos com sucesso, quando na verdade não há um mínimo esforço dos demais em compreender a diversidade. Tais aprendizados são necessários mas geram um sentimento íntimo de inadequação. Sua autoestima e autoconfiança podem ser muito afetadas nessas circunstâncias.

Elas precisam de pessoas que compreendam, acolham e respeitem suas características e natureza com boa vontade e amor.

Assim se sentirão confiantes para se expressar livremente e alcançar todo seu imenso potencial.



VI - Referências

Andreou, G., Lymperopoulou, V., & Aslanoglou, V. (2022). Developmental Language Disorder (DLD) and Autism Spectrum Disorder (ASD): similarities in pragmatic language abilities. A systematic review. *International Journal of Developmental Disabilities*, 1-15.

Barkley, R.A., (2021). *12 Principles for Raising a Child with ADHD*. New York: Guilford Press

Befi-Lopes, D. M., & Cáceres, A. M. (2010). Language profiles in Autism Spectrum Disorders (ASD), Specific Language Impairment (SLI) and Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 15, 305-306.

Conti-Ramsden, G., Mok, P., Durkin, K., Pickles, A., Toseeb, U., & Botting, N. (2019). Do emotional difficulties and peer problems occur together from childhood to adolescence? The case of children with a history of developmental language disorder (DLD). *European child & adolescent psychiatry*, 28, 993-1004.

Cummings, L. (2009). *Clinical pragmatics*. Cambridge University Press.





Falkum, I. L. (2019). Pragmatic Development: Learning to use language to communicate. In International handbook of language acquisition (pp. 234-260). Routledge.

Forrest, C. L., Gibson, J. L., & St Clair, M. C. (2021). Social functioning as a mediator between developmental language disorder (DLD) and emotional problems in adolescents. International journal of environmental research and public health, 18(3), 1221.

Murphy, Linda K. (2020) Declarative Language Handbook: Using a Thoughtful Language Style to Help Kids with Social Learning Challenges Feel Competent, Connected, and Understood [Soft Cover] ISBN 10: 1734516208

